

ESTUDOS DE GÊNERO:

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE PODER

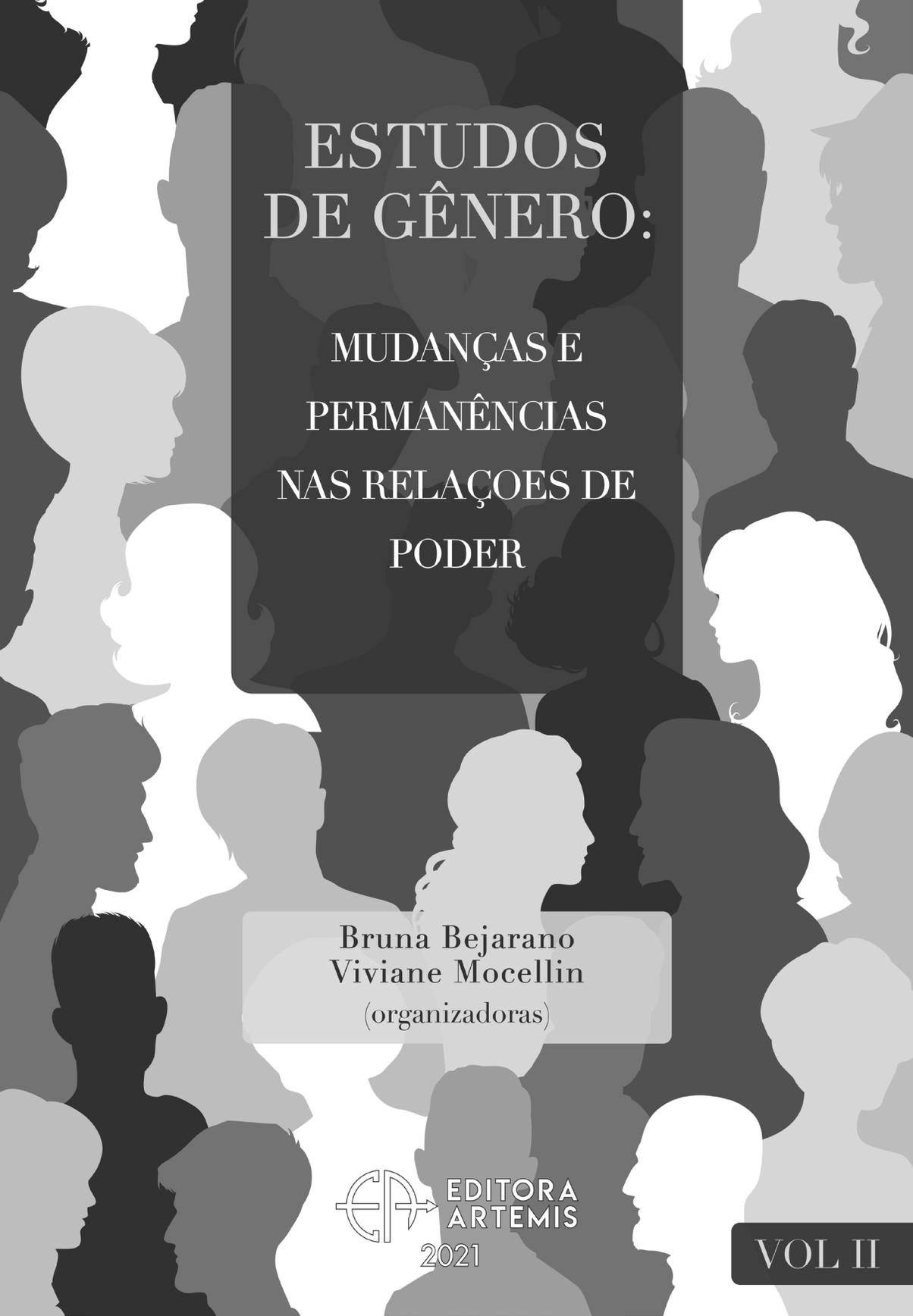
Bruna Bejarano
Viviane Mocellin
(organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS

2021

VOL II



ESTUDOS DE GÊNERO:

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE PODER

Bruna Bejarano
Viviane Mocellin
(organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS

2021

VOL II



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisângela Abreu
Organizadoras	M. ^a Bruna Bejarano M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Imagem da Capa	Aklionka
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”, Cuba*
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, *Universidade Federal de Uberlândia*
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, *Universidade Federal da Paraíba*
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, *Universidade do Estado de Mato Grosso*
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, *Universidade Aberta de Portugal*
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, *Universidade Federal da Grande Dourados*
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Carlos III de Madrid, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão*
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal*
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, *Universidade de São Paulo*
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, *Universidade Federal de Roraima*
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México*
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro*
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, *Instituto Politécnico da Guarda, Portugal*
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, *Universidade São Francisco*
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*



Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College*, USA
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.^a Dr.^a Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
Prof.^a Dr.^a Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.^a Dr.^a Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría"*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E82 Estudos de gênero [livro eletrônico] : mudanças e permanências nas relações de poder: vol. II / Organizadoras Bruna Bejarano, Viviane Carvalho Mocellin. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.
Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
Edição bilíngue
ISBN 978-65-87396-41-5
DOI 10.37572/EdArt_140821415

1. Igualdade – Gênero – Brasil. 2. Mulheres – Condições sociais.
I. Bejarano, Bruna. II. Mocellin, Viviane Carvalho.

CDD 305.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

A coletânea “**Estudos de gênero: mudanças e permanências nas relações de poder**” surgiu da sugestão de autores de variadas áreas do conhecimento que se dedicam à compreensão de como as relações de poder que se estabelecem socialmente entre “masculinidades” e “feminilidades” influenciam praticamente todos os aspectos da vida.

Dados do *World Economics Forum* (Forum Econômico Mundial), publicados em dezembro de 2019, demonstram que, globalmente, ao ritmo atual, serão necessários aproximadamente 100 anos para que se alcance a igualdade de gênero, que é um direito fundamental essencial para a consolidação dos Direitos Humanos. Por outro lado, os dados também apontam que a desigualdade é fator de atraso econômico e social, e que os países com maior igualdade de gênero são também os países com maior IDH: Islândia, Noruega, Finlândia e Suécia lideram a lista dos países com maior paridade.

No relatório, o Brasil aparece na 92ª no ranking global, e ocupa a 22ª posição entre os 25 países da América Latina e do Caribe. Ou seja, apesar dos avanços conquistados nas últimas décadas, ainda há um longo caminho a percorrer, razão pela qual decidimos coordenar a elaboração de um livro dedicado aos diversos modos como os papéis e características atrelados ao gênero ainda são fator de desequilíbrio no acesso à vida política, à participação econômica, ao direito à saúde e educação, enfim, ao lugar social das pessoas.

É uma honra para nós, da Editora Artemis, podermos presentear o leitor com o Volume II desta coletânea, que traz textos sobre o papel da arte na construção (e desconstrução) de conceitos normativos e estereotipados sobre identidade de gênero, sexualidade e sexo (Capítulos I e II), transexualidade feminina na condição de encarceramento (Cap. III), violência obstétrica no Brasil (Cap. IV), liderança feminina e desigualdade de gênero no contexto organizacional (Cap. V) e, finalmente, dois relatos de estudos sobre relações e percepções de gênero no contexto educacional (Cap. VI e VII). Todos estes estudos contribuem para uma melhor compreensão das práticas sociais que atribuem papéis e identidades distintos a seus diferentes membros e como estas práticas estão ligadas às relações de poder e desigualdade.

Desejamos a todos uma proveitosa leitura!

Bruna Bejarano
Viviane Carvalho Mocellin

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O.R.G.I.A, UN CUERPO ARTÍSTICO DE TRES CABEZAS: *LAS TENDENCIAS FEMINISTAS Y QUEER COMO FORMACIÓN EN NUEVAS EXPRESIONES ARTÍSTICAS*

[Bartolomé Palazón Cascales](#)

[Leticia Fayos Bosch](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214151

CAPÍTULO 2..... 12

TRANSFOBIA E SUJEITO TRANS: UMA ANÁLISE LÉXICO-DISCURSIVA EM “BIXA TRAVESTI”

[Dina Maria Martins Ferreira](#)

[Ikaro César da Silva Maciel](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214152

CAPÍTULO 3.....25

FEMINILIDADES TRANS E CÁRCERE: A HISTÓRIA DE UM PROJETO

[Rosalice Lopes](#)

[Giovanna Loubet Ávila](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214153

CAPÍTULO 4..... 39

VIOLENÇA OBSTÉTRICA NO BRASIL: CONCEITO, MOTIVAÇÕES E AS RECOMENDAÇÕES PARA PREVENÇÃO E COMBATE

[Anne Luise Pontes Cordovil](#)

[Dorinethe dos Santos Bentes](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214154

CAPÍTULO 5..... 48

TRAJETÓRIAS DE MULHERES LÍDERES DE DIFERENTES RAÇAS E NÍVEIS HIERÁRQUICOS

[Lucimar dos Santos Reis](#)

[Luciana Mourão](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214155

CAPÍTULO 6..... 68

GÊNERO E EDUCAÇÃO, NA ESCUTA DOS ADOLESCENTES UM APRENDIZADO

José Heleno Ferreira

Gabriel Henrique Duarte

Lorena Rodrigues de Souza

Maria Inês da Silva

Marília Fraga Cerqueira Melo

Michele Mariano Rodrigues

Nilmar José da Silva

Sabrina Brombim Zanchetta

DOI 10.37572/EdArt_1408214156

CAPÍTULO 7 93

**SENTIDOS ATRIBUÍDOS À SEXUALIDADE E GÊNERO POR PROFESSORES DE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA CIDADE DO RECIFE**

Marina Magalhães de Andrade Lima

Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

DOI 10.37572/EdArt_1408214157

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 105

ÍNDICE REMISSIVO 106

CAPÍTULO 2

TRANSFOBIA E SUJEITO TRANS: UMA ANÁLISE LÉXICO-DISCURSIVA EM “BIXA TRAVESTI”

Data de submissão: 20/06/2021

Data de aceite: 05/04/2021

Dina Maria Martins Ferreira¹

<http://lattes.cnpq.br/3056318729875145>

<https://orcid.org/0000-0003-2585-497X>

Ikaro César da Silva Maciel

Mestre pela Universidade Estadual do Ceará

<https://orcid.org/0000-0003-2666-4895>

RESUMO: Este artigo se propõe a apresentar a *práxis* social e os diferentes aspectos do mundo do sujeito social trans. Para esta investigação, utilizamo-nos do aporte teórico-

¹ Profa. Dra. Dina Maria Martins Ferreira (nome de autoria); Dina Maria Machado André Martins Ferreira. 2º pós-doutorado, em Ciências Sociais, pela Université Paris V, Sorbonne, em co-tutoria em Estudos da Linguagem, pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp (2009-2010); 1º pós-doutorado em Pragmática, pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp (2002-2003); doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995); mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1988). Pesquisadora do Centre d'Études sur le Quotidien et les Actuels da Université Paris V, Sorbonne. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará. Autora de 5 livros, organização de 6 livros, capítulo de livros, artigos nacionais e internacionais, em torno de 80. Coordenadora de grupo de pesquisa na UECE e co-coordenadora de grupo de pesquisa na UNICAMP; parecerista de várias revistas, em torno de 20 e parecerista ad hoc da FAPESP e do MEC. E-mail: dinaferreira@terra.com.br.

metodológico da Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2016a), sob a perspectiva de linguagem enquanto constitutiva da prática social. E em nossa rede argumentativa, adentramos em aspectos da identidade, de gênero e de performatividade (BUTLER, 2017; PINTO, 2002; MARTINS FERREIRA, 2018) do sujeito trans. Como nosso *corpus* analítico, temos a letra da música funk *Bixa Travesti* que oferece aspectos linguístico-textuais e discursivos sobre representações de si e do mundo. É pela categoria do léxico discursivo que ações, sentimentos, crenças, identificam como as atividades humanas são performatizadas no discurso – posição político-social do sujeito trans. Os resultados analíticos indicam a relevância da análise léxico-discursiva como forma de representar ideias e eventos, bem como a inevitabilidade de intensificar, dentro e fora da academia, debates e projetos que visibilizem e tornem mais justa as formas de vida de pessoas trans. **PALAVRAS-CHAVE:** *Práxis* social. Identidade de gênero. Transfobia. Transgênero.

TRANSPHOBIA AND TRANS SUBJECT: A LEXICO-DISCURSIVE ANALYSIS IN “BIXA TRAVESTI”

ABSTRACT: This paper aims at presenting the social *praxis* and the distinct aspects of the world of a transgender subject. In order to carry out this research we used the theoretical-methodological contribution of

Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2016a), from the perspective of language as constituted of the social practice. Throughout our argumentative discussion, we have considered identity, gender and performativity aspects (BUTLER, 2017; PINTO, 2002; MARTINS FERREIRA, 2018) of the transgender subject. As an analytical corpus there is the lyric *Bixa Travesti* which offers itself linguistic-textual and discursive conditions about representations of oneself and the world. It is through the lexical category that actions, feelings, beliefs identify how human actions are performed in the discourse – social-political positions of the transgender subject. The analytical findings indicate the relevance of the discursive-lexical analysis as a way to represent ideas and events as well as the inevitability of intensifying, in and out of the academy, debates and projects that envisage and make transgender people's lives fairer.

KEYWORDS: Social Praxis. Gender identity. Transphobia. Transgender. Lexicon discursive.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A música é uma forma de linguagem capaz de criar tanto vínculos afetivos entre pessoas quanto reivindicar diferenças identitárias. Trata-se de um produto cultural, social e simbólico que se adapta a diferentes meios de comunicação. Suas primeiras formas de produção, distribuição e consumo hegemônico foram a gravação em vinil e a transmissão radiofônica. Com o advento da internet, novas formas surgem como resultado deste novo espaço de difusão e circulação de textos, sons e imagens: o ciberespaço. (SANTINI; LIMA, 2001, p.2)

Neste ambiente de comunicação aberto, a interconexão mundial de computadores, atores sociais utilizam as redes para a produção e o compartilhamento de conteúdos. Esses múltiplos jogos de linguagem dão vazão a diversas formas de vida, “formas de os indivíduos agirem sobre o mundo e interagirem com ele, representan[do] aspectos do mundo e de si mesmos e construi[ndo] identidades sobre si e sobre outrem” (MELO, 2018, p.23).

Dessa forma, é dentro da música funk e seu universo social, mais precisamente a letra do funk *Bixa Travesti* que se ancora nossa análise. Apesar da melodia funk não fazer parte do ponto principal de nosso estudo, valem algumas observações da ordem histórica e polêmica. O funk não nasceu no Brasil, mas sim nos Estados Unidos pela influência do *soul music*. Chegou no Brasil nos anos 70, pela constituição de bailes na zona sul do Rio de Janeiro, zona nobre, e só adentrou nos subúrbios cariocas quando os bailes começaram a ser classificados como *bailes da pesada*. E apenas na década de 90 que o funk se nacionaliza, tanto pela batida quanto pelas letras, cujo viés cultural ganha peso. Hoje em dia, este produto cultural é tão divulgado que para alguns há vários subgêneros de funk (carioca, paulista, pop, 'proibidão', entre outros), no entanto as múltiplas subdivisões do

gênero se unem por características comuns: batidas por minuto, 'putaria acelerada', ritmo louco, uso de palavrões, expressões de sexo de forma explícita, ênfase ao corpo. Devido ao caráter sensual do funk, o senso comum, muitas vezes o classifica como música vulgar. O que não quer dizer que não possa ser um gênero reivindicatório de identidade, de transgressão e de embates político-sociais.

No que tange à análise da letra musical, utilizamos a Análise Crítica do Discurso (ADC), em que emergem perspectivas metodológicas para classificação de sujeitos e de sua *práxis* social. Ou seja, as categorias teórico-analíticas (Fairclough, 2006) são compostas por três níveis de abstração, (a) eventos sociais (texto), (b) práticas sociais (ordens de discurso) e (c) estruturas sociais (linguagem), tripé utilizado em prol de uma abordagem avaliativo-interpretativista, voltada para questões e relações sociais (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). E sob a ótica do gênero e seus papéis sociais, Butler (2017) enfatiza que gênero não está prisioneiro a perspectivas biológicas, mas sim à estilização do corpo e à performatividade.

A música *Bixa Travesti* constitui-se de um documentário, lançado no 26º Festival Mix Brasil, em 2018, com direção de Claudia Priscilla e Kiko Goifman, com o protagonismo do sujeito trans feminino Linn da Quebrada. A seleção do funk *Bixa Travesti* teve como critérios o fato de o (a) título da música remeter diretamente ao tema identidade de gênero e (b) o de a letra fornecer modalizadores de exclusão social da ordem da transfobia.

2 SEXO E GÊNERO

Para reivindicar um reconhecimento social dos sujeitos fora da heterocracia, faz-se necessário esclarecer os conceitos de sexo e identidade de gênero. A distinção entre tais categorias foi o ponto de partida para que Butler (1990) questionasse o sentido da palavra 'mulher', que resultou em uma crítica ao modelo binário de homem/mulher, masculino/feminino.

Quando executamos a ação de nomear, ou seja, categorizar um corpo segundo o gênero, "não podemos esquecer que [...], de alguma forma, começa por um ponto biológico – a genitália do indivíduo –, não como um ponto estático, mas, sim, no patamar fisiológico do indivíduo" (MARTINS FERREIRA, 2018, p.83). Logo, recorreremos ao senso comum que baseia a noção de gênero como decorrido diretamente do sexo. Por exemplo, quando uma criança nasce diz-se – É uma menina! E quem determina esta nomeação é o sexo, independente do gênero que será construído pela *práxis* social. Daí se entender, a princípio, que a ideia de gênero seja culturalmente condicionado à genitália e seja naturalmente adquirido – um par uno debatido nas teorias feministas:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual "a natureza sexuada" ou "um sexo natural" é produzido e estabelecido como "pré-discursivo", anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2017, p.27, grifos do original)

Por uma crítica radical, Butler (2017) indica que o sexo, bem como o gênero, não são naturais, mas sim um meio construído socioculturalmente, e não estabelecido pré-discursivamente, como se houvesse *ontos* fora da linguagem. Na esteira desse pensamento, esta autora desmonta a ideia de um sujeito uno, porquanto, "a presunção aqui é que o 'ser' de um gênero é *um feito*" (BUTLER, 2017 p.68, grifos do original), isto é, a identidade e a expressão de gênero de um sujeito é que constroem o sentido em si. Mesmo que a repetição contínua da *práxis* social e da sacralização de comportamentos nos permita naturalizar e determinar as marcas de sexo e as designações de gênero, o rompimento e a (re)produção de novos atos de fala e de corpo modificam e (re)constroem, semanticamente, simbologias e significados para as designações:

A performatividade não é a capacidade de ação efetuada pelo enunciado; a performatividade é a capacidade de ação operada pelo ato de fala na sua materialidade plena – sonora e corporal. [...] A performatividade é o que permite e obriga o sujeito a se constituir enquanto tal. (PINTO, 2002, p.107)

O ato performativo – designado como ato de corpo e ato de fala – só é operacionalizado se as condições sociais da enunciação forem felizes. Isto é, o sujeito falante é levado em consideração como parte integrante da performatividade. O corpo é, então, a superfície de inscrição corporal por excelência.

Importante reforçar que os sujeitos são seres performativadores e performatizados, bem como suas identidades, ou seja, estas são efeitos dos seus atos que marcam maneiras de ser, vestir, falar e se comportar socialmente: "Identidades são construções exigidas pelos ritos convencionais que postulam o sujeito de maneira a garantir a possibilidade do 'nós' a partir da significação da existência prévia do 'eu'" (PINTO, 2002, p.109, grifos do original). Ideias contrárias a respeito de identidades estáveis e imutáveis, implicam efeitos sociais de controle e de repressão de indivíduos que transgridam as identidades propostas por uma ideologia dominante, como por exemplo, a heteronormatividade em relação à transfobia e à homofobia.

3 TRANSEXUALIDADE E TRANSFOBIA

Originária etimologicamente do grego *phóbos*, a palavra fobia, de acordo com o uso dicionarizado da língua portuguesa, refere-se ao sentimento exagerado de medo ou aversão, que leva ao evitamento de certos objetos, circunstâncias, sentimentos etc. Combinado ao prefixo *trans-*, o sentido do substantivo transfobia alimenta a carga negativa de aversão àqueles corpos que performatizam marcas do feminino em genitália masculina e vice-versa.

A população transgênero (compreendida por travestis e transexuais) é, historicamente, marginalizada, perseguida e estigmatizada devido à crença no senso comum que baseia a noção de gênero como decorrida diretamente do sexo. Julga-se que o natural é ter o gênero correspondente ao sexo de nascimento, perpetuando-se, assim, marcas sociais e sacralizadas relativas a eles. Entretanto, as experiências subjetivas dos indivíduos nos mostram que essa estereotipia naturalizante é falha, já que as pessoas trans mostram-nos uma experiência identitária que confronta a heteronormatividade.

Para Berenice Bento (2008, p.19), “a transexualidade é um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo”. Assim, transexualidade, travestilidade e transgênero seriam identidades que se destacam por salientar gestos que quebram a causalidade e a estabilidade entre sexo/gênero/desejo. No entanto, não podemos negar, para além das definições estáveis e/ou naturalizadas, a existência das possibilidades de performatividades que inoculam as designações masculino, homem, feminino e mulher de novos sentidos.

Mesmo com a inoculação de novos sentidos, subjetividades e narrativas de sujeitos não-heterossexuais são marcadas por dor e angústia por desejarem viver experiências que são interditas e invisibilizadas, cujos direitos básicos, como o de existir *pelo-que-sou*, são violados cotidianamente. Segundo dados da *Rede Trans Brasil* (2018), o Brasil ainda é o país que mais mata (em números absolutos) a população trans em todo o mundo, inclusive pela falta de políticas públicas que criminalizem atos de transfobia:

Segundo os dados do *Transgender Europe* (TGEU), que lançou uma atualização dos assassinatos no mundo em 12 de novembro de 2018. No período da apuração de 01 de outubro de 2017 a 30 de setembro de 2018, os números revelaram que no ano de 2018 foram registrados 369 casos de homicídios contra pessoas trans e ou pessoas de gênero diverso em contextos internacionais, sendo que o Brasil dispara em primeiro lugar com 167 casos, seguido por México com 71 casos e Estados Unidos com 28. (DOSSIÊ, REDE TRANS BRASIL, 2018)

O *Dossiê* relata que os maiores casos de transfobia começam contra os travestis, seguidos contra mulheres/homens trans e finalmente contra os de gênero não-informado. Nesse caso, os de gênero não-informado se referem àqueles noticiados apenas como

homossexuais, de faixa etária entre 21 e 25 anos (maioria abaixo dos 35 anos e com estimativa de vida baixa. Fazendo um recorte racial, o *Dossiê* apresenta a população negra como aquela que mais morre, contabilizando 27% de negros e 11% de pardos, o que reflete um genocídio da população trans negra.

O sofrimento e a sonegação dos direitos básicos extrapolam fronteiras entre imaginário e realidade, inclusive os meios de comunicação, em seus diversos gêneros discursivos, (46% que divulgam os casos), ao se referirem aos sujeitos trans, insistem, ao lado de sua identidade de gênero, em informar até o registro civil. Tais ações de exclusão e de preconceito refletem a necessidade de formação e propagação de processos educativos que combatam o conservadorismo hegemônico da heteronormatividade e as relações de poder da imprensa e de tantos outros meios comunicativos que tentam normativizar corpos apagando suas diversidades identitárias de gênero. (DOSSIÊ, REDE TRANS BRASIL, 2018)

Mais do que performatizar uma identidade de gênero, reivindicar ser um sujeito transgênero é um ato político que dá voz e visibilidade a uma causa social, contribuindo para a desconstrução de padrões socialmente impostos e de crenças em papéis de gênero consolidados no binarismo homem/mulher. Caminhar nessa direção política é uma forma de influenciar “os grupos sociais marginalizados, em que as pessoas que vivenciam a dimensão das transgeneridades (ou transgeneralidades), orientadas por políticas de cunho identitário, tornem a sua realidade cada vez mais visível” (JESUS, 2014, p. 119).

4 PERSPECTIVAS DO DISCURSO CRÍTICO E LEXICALIZAÇÃO

A Análise de Discurso Crítica (ADC) (FAIRCLOUGH, 2016) é uma abordagem teórico-metodológica transdisciplinar, que se filia à Teoria Social do Discurso, visto que aproxima os estudos da linguagem ao meio social. Esta visão dialógica nos permite entender o uso da linguagem como bilateral, porquanto a linguagem “tanto é constituíd[a] socialmente como também é constitutiv[a] de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença.” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.26).

Entender o discurso como prática social significa compreendê-lo como uma ação em contextos específicos e historicamente situados: “Os usos contextualizados geram significados para além do que está escrito e produzem ações como os atos ilocucionários”. (BATISTA; SATO; MELO, 2018, p. 10). O discurso, portanto, molda as práticas sociais bem como é modificado e/ou reforçado por elas:

Ao usar o termo “discurso”, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir

sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de apresentação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 94-95, grifo do original)

Três aspectos dizem respeito aos efeitos construtivos do discurso: (a) a contribuição para a construção de diferentes identidades sociais; (b) a construção das relações interpessoais na sociedade; e (c) a construção de sistemas de conhecimentos e crenças compartilhados entre sujeitos, socialmente. Cada um desses efeitos relaciona-se, respectivamente, a uma função da linguagem: a função identitária diz respeito à representação da experiência, cujos enunciados remetem a identidades sociais reveladas no discurso; a função relacional corresponde às ações nas relações sociais e pessoais representadas na linguagem; e a função ideacional demonstra aspectos semânticos, gramaticais e estruturais do texto como fatores funcionais. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 96)

Fairclough (2003a) propõe uma rearticulação das macrofunções de Halliday (1978) em três tipos principais de significação: acional, representacional e identificacional. O significado acional refere-se à maneira de ação e interação do sujeito social através de gêneros discursivos relativamente estáveis; o significado representacional está relacionado às diversas formas de representar o mundo pelo viés discursivo – “Os diferentes discursos não apenas representam o mundo ‘concreto’, mas também projetam possibilidades diferentes da ‘realidade’” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.70-71) –; e o significado identificacional relaciona-se ao conceito de estilo, ou seja, às identidades dos atores sociais reveladas entre os textos. Os três significados atuam simultaneamente em todo enunciado. O discurso, então, configura modos de ser, modos de agir e modos de representar; e gêneros, discursos e estilos atam o texto a eventos sociais.

E para fins de investigação discursiva da transfobia no discurso de um sujeito trans, esta pesquisa utiliza-se dos elementos de análise em Fairclough (2006), composto por três níveis de abstração: (a) eventos sociais (texto); (b) práticas sociais (ordens de discurso) e (c) estruturas sociais (linguagem). Na análise dos eventos sociais, o texto será analisado em conformidade com o (1) léxico; na análise das práticas sociais – produção, distribuição e consumo – em conformidade com a (2) intertextualidade e a interdiscursividade; e na análise das estruturas sociais, em conformidade com a (3) ideologia e a hegemonia. (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 67).

Na (1) lexicalização, nosso ponto analítico chave, palavras atuam com uma extensão de sentido social. Saindo do significado dicionarizado, as palavras podem receber uma conotação metafórica e/ou serem criadas (neologismo) a partir da necessidade do contexto. Nesses processos dinâmicos que são o meio e as relações sociais, os discursos

e a semiotização dos lexemas rompem as barreiras pré-determinadas para atenderem demandas linguístico-discursivas.

Na (2) intertextualidade, um texto corresponde às diversas vozes e elementos que o compõem de várias maneiras (discutindo, refutando, concordando, etc). No que tange à qualidade dialética dos textos, “Fairclough (2001, 2003) destaca que as negações também implicam uma asserção em ‘outro texto’ e por isso são marcas de intertextualidade. Semelhantermente, as ironias [...] Há também as pressuposições” (BESSA; SATO, 2018, p. 143).

Na (3) ideologia, vozes são construídas de acordo com sua finalidade, possuindo existências materiais, interpelando sujeitos e funcionando pela constituição e posicionamento dos sujeitos, ou seja, os discursos são construídos e através deles as várias dimensões da prática social vão sendo significadas. Portanto, “para a ADC, a ideologia estabelece e sustenta relações de dominação” (VIEIRA; MACEDO, 2018, p.59). Nestas relações, o domínio pelo poder simbólico determina a hegemonia., ou seja, a luta hegemônica assume uma forma de prática discursiva, e, pelo discurso de consenso, grupos sociais mantêm a dominação sobre outros; por exemplo, o discurso da heteronormatividade das práticas de ser e de agir, em relação aos corpos transexuais. Portanto, “a hegemonia de um grupo é dependente, em parte, de sua capacidade de gerar práticas discursivas e ordens de discurso que a sustentem” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.44).

5 “BIXA TRAVESTI”

Linn da Quebrada iniciou sua carreira no ano de 2016, lançando seu primeiro *single*, *Enviadescer*, colocando corpos travestis e feminilizados em posições de destaque nas cenas. No ano seguinte, 2017, a cantora experimentou mais uma linguagem artística, assumindo a direção e o roteiro de *BlasFêmea*, sua primeira experiência audiovisual. Nesse ano também é destaque no cinema, participando das produções: *Corpo Elétrico*, longa-metragem de Marcelo Caetano; e *Meu Corpo é político*, documentário de Alice Riff.

A música *Bixa Travesti* é uma das faixas que compõe o primeiro álbum, intitulado *Pajubá*, lançado em 2017. Atualmente, o videoclipe da canção possui inúmeras reações na plataforma YouTube, onde está hospedado. O alcance de visualizações chega a mais de 58 mil; conta, ainda, com cerca de 1.900 curtidas e 39 comentários. A produção foi feita pela instrumentista BadSista, no Estúdio YB Music, em São Paulo.

A música *Bixa Travesti* foi composta, escrita e interpretada pela cantora Linn da Quebrada:

Eu já cansei de falar
Já perdi a paciência
Você fingi não escutar
Abusa da minha inteligência

Mas eu tô ligada
Seu processo é muito lento
Vou tentar te explicar mais uma vez o fundamento

E se você não aceitar
Pode doer
Pode machucar
Que eu nem lamento
Vai!

Bixa travesti, de um peito só, o cabelo arrastando no chão
E na mão sangrando, um coração
Bixa travesti, de um peito só, o cabelo arrastando no chão
E na mão sangrando, um coração

O lance é muito simples
Não tem nenhum mistério
Pode ir saindo com o pau entre as pernas
Acabou o seu império

Tô vendo de camarote o fim do seu reinado
Rindo muito da sua cara de cãozinho abandonado

Na verdade, eu mudei de ideia
Te fiz uma bela surpresa
Quando tiver indo embora, não esquece!, deixa seu pau em cima da mesa
Vai!

Bixa, travesti, de um peito só, o cabelo arrastando no chão
E na mão sangrando, um coração
Bixa, travesti, de um peito só, o cabelo arrastando no chão
E na mão sangrando, um coração
Bixa, só
Trava, só
Bixa, só
Trava, só
Bixa, só
Trava, só
Só

A música traz já no título “bixa travesti” dois lexemas que dão rótulos pejorativos a sujeitos sociais pertencentes à comunidade LGBTI+. O circunstante “bixa” é significado negativamente, carregando uma acepção pejorativa porque objetiva diminuir e menosprezar todo o indivíduo que circunscreve em seu corpo marcas do feminino. Do mesmo modo, a palavra “travesti”, que se refere a uma identidade de gênero, é utilizada como insulto. A significação dada socialmente a estes signos é vista como um resultado de um pensamento do senso comum que reproduz crenças em papéis de gênero consolidados no binarismo – homem/mulher, associando a genitália de um sujeito ao papel social que este deve assumir por toda a vida. Além do mais, o fato de a maioria das

travestis optarem por serem profissionais do sexo como forma de ganhar a vida, ajuda a construir negativamente a imagem destes sujeitos. Contudo, como afirma Butler (2017), a identidade e a expressão de gênero de um sujeito é que constroem o sentido em si.

Como nos diz Resende e Ramalho (2006, p.70-71), “Os diferentes discursos não apenas representam o mundo ‘concreto’, mas também projetam possibilidades diferentes da ‘realidade’”, ou seja, a maneira como a artista constrói discursivamente sua visão de mundo, a partir do seu lugar social de fala: utiliza, repetidamente, as palavras “bixa” e “trava”, que mesmo grafadas com marcas de oralidade, aparecem inúmeras vezes no decorrer da (letra da) música. Tal repetibilidade mostra sua força ilocucionária e maximiza a interferência do sujeito contra o discurso hegemônico de normatização dos corpos.

Como já mencionado anteriormente, além do sofrimento psicológico, o físico é parte significativa na vida de uma pessoa trans. No decorrer do discurso musical, palavras como “aceitar”, “doer”, “machucar” e “lamento” são modos de sinalizar o sofrimento. As ações sofridas cotidianamente por membros da comunidade LGBTQBI+ advêm da falta de aceitação da sociedade e da família em relação à diversidade de gêneros, tornando-os alvos de crimes de ódio por expressarem suas identidades de gênero de forma “incongruente” com o que é determinado pela normocracia social. De acordo com dados do *Transgender Europe*, em 12 de novembro de 2018, foram registrados 167 casos, só no Brasil, de homicídios contra pessoas trans e/ou de gêneros diversos. A associação direta que é feita entre as ações “arrastando” e “sangrando” com os substantivos “cabelo” e “coração” nos mostram a dimensão dessa realidade social, reforçando a prática bruta de agredir de um discurso transfóbico que exclui e oprime.

As diversas vozes e elementos presentes no texto correspondem ao fenômeno da intertextualidade. As associações diretas das palavras “cansei” com “falar” / “perdi” com “paciência” / “finge” com “escutar” / “abusa” com “inteligência” estão sempre enunciadas em primeira pessoa. A voz do enunciador direciona-se ao interlocutor – diversas vozes sociais –, de forma direta e objetiva, questionando o sofrimento: sonegação dos direitos básicos, falta de respeito, e o lugar social subjugado quanto se trata de “inteligência” ou capacidade intelectual para assumir diferentes papéis e posições sociais, além do fato de requererem o direito a voz e visibilidade ao direito de sua identidade de gênero.

Ironicamente, o discurso traz os termos “processo” seguido do circunstante “lento” e a ação de “explicar” seguido de “fundamento”. A interdiscursividade proposta aqui é um embate da reprodutibilidade do discurso de senso comum em oposição às ciências humanas. Não querer entender um processo de aceitação e mudança corporal de alguns, baseado em ideias simplistas de que sexo é definido pela genitália, justifica, erroneamente, ações que deslegitimam e oprimem corpos. Entretanto, a transexualidade

tem um fundamento científico e é entendida como “um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo” (BENTO, 2008, p.19). Dessa forma, assumir identidades que não comungam com a normalização heterossexual de corpos é transcender e desestruturar a relação sexo/desejo/gênero.

Para Plaza Pinto (2002, p.107), “a performatividade é o que permite e obriga o sujeito a se constituir enquanto tal”, isto é, ao repetirmos continuamente, na nossa *práxis* social, atos e comportamentos normatizadores, contribuimos para a sacralização destes, permitindo, assim, sua naturalização e determinação das marcas de sexo nas designações de gênero em nossos corpos. Mas, quando optamos por (re)produções de novos atos de fala e de corpo, modificamos e rompemos com sentidos estratificados por simbologias cristalizadas, (re)construindo significados novos para designações (de gênero).

Enfim, a performance social de cada indivíduo é um ato político, que resiste e (re) existem em espaços públicos e privados, garantindo seus direitos de ir e vir. Pode parecer algo muito “simples” e sem “mistério”, como se enuncia ao final do discurso musical, afinal, suas “identidades são construções exigidas pelos ritos convencionais que postulam o sujeito de maneira a garantir a possibilidade do ‘nós’ a partir da significação da existência prévia do ‘eu’” (PINTO, 2002, p.109). Contudo, os muitos “eus”, as subjetividades são, muitas vezes, abaladas pelos discursos velados do machismo e da transfobia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar da homofobia como fenômeno manifesto no Brasil significa compreender as sutilezas que garantem sua difusão e enraizamento nas práticas sociais cotidianas. Ouvir na arte da música denúncias e posicionamentos frente a esse fenômeno é dar voz e vez àqueles/as historicamente marginalizados, perseguidos e estigmatizados por suas identidades sociais.

Apesar de casos violentos estarem cotidianamente estampados em jornais e nas diferentes mídias estimulando o debate e a reflexão pública, e mesmo as manifestações e a criação de ações positivas, há uma necessidade de formação e propagação de processos educativos que combatam o conservadorismo hegemônico. Assim, vezes que chegam através das ondas do rádio, da TV e dos modernos aparatos tecnológicos de reprodução audiovisual, colocariam em xeque a lógica perversa do machismo e da heteronormatividade compulsória, lutando por espaço em arena de forças antagônicas.

As principais contribuições, para entender como um sujeito trans representa a transfobia sofrida, estão na semiotização dos signos selecionados e nas inferências sociais, com base nas teorias feministas, gênero e sexo de Butler ([1999], 2017), Pinto

(2002) e Martins Ferreira (2018), cujo resultado analítico se comprova pelos dados do *Dossiê de 2018 da Rede Trans Brasil* mostram as formas alarmantes e brutais de morte e condições sociais de pessoas transgênero no Brasil.

Vale ratificar que as atividades (performáticas), as identidades e subjetividades de sujeitos transexuais são construídas na/pela linguagem, cujas diversas formas designam uma tomada de posição que revela seu caráter sócio-histórico-cultural. Os dados apresentados apontam para uma inevitabilidade de se intensificar, dentro e fora da academia, debates e projetos que visibilizem e tornem mais justa as formas de vida destas pessoas, favorecendo suas realidades.

REFERÊNCIAS

BATISTA JR., José R. L.; SATO, Denise T. B.; MELO, Iran F. Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas. Introdução. In: BATISTA, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (Org.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos).

BESSA, Décio; SATO, Denise T. B. Categorias de análise. In: BATISTA JR., José R. L.; SATO, Denise T. B.; MELO, Iran. F. (Orgs.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2016.

HALLIDAY, Michael A. K. **Language as social semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.

JESUS, Jaqueline G. Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. **História Agora**, v.16, n. 2, p.101-123, 2013.

MARTINS FERREIRA, Dina M. Constituição da identidade do sujeito transgênero: complexidade e designação. **Guavira Letras**. Três Lagoas/MS, v. 14, n. 28, p. 81-93, set./dez. 2018.

MELO, Iran F. Histórico da Análise de Discurso Crítica. In: BATISTA JR., José R. L.; SATO, Denise T. B.; MELO, Iran F. (Orgs.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

PINTO, Joana P. **Performatividade radical: ato de fala ou ato de corpo?** *Gênero, Niterói*, v. 3, n. 1, p. 101-110, 2 sem. 2002.

REDE TRANS BRASIL. **Diálogos Sobre Viver Trans – Monitoramento: Assassinatos e Violação de Direitos Humanos de Pessoas Trans no Brasil – Dossiê**, 2018.

RESENDE, Viviane de M.; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTINI, Rose M.; LIMA, Clóvis R.M. **Difusão de música na era da Internet**. In: V Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, 2001. Salvador: UFBA, 2005.

Disponível em: Leonardo Vasconcelos C. Darbilly, Glauco Knopp e Marcelo Milano F. Vieira Revista **Adm. Made**, ano 9, v.13, n.1, p. 20-37, janeiro/abril, 2009. 37 <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/pdf/ClovisMontenegroDeLimaRoseSantini.pdf>. Acesso em: 18/03/2019.

SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VIEIRA, Josenia A.; MACEDO, Denise S. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In: BATISTA JR., R. L.; SATO, Denise T. B.; MELO, Iran F. (Orgs.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

BRUNA BEJARANO - Bacharel em Ciências da Comunicação - Jornalismo (2012) e Bacharel em História da Arte (2018), ambos pela Florida International University (Miami) e Mestre em Educação para as Artes pela Florida University (Gainesville). Tem mais de 10 anos de experiência profissional como comunicadora de massa, apoiando e coordenando uma ampla variedade de atividades relacionadas à mídia e marketing em empresas como Baptist Health South Florida, Grupo KSG, GMG Marketing Company, Museu Rubell e Borboleta Music. É Diretora de Criação da Coffee Table Productions e Editora de Arte da Editora Artemis.

VIVIANE CARVALHO MOCELLIN - Mestre em Engenharia da Produção com ênfase em Recursos Humanos e Psicologia Organizacional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Especialista em Gestão Industrial (UTFPR). Graduada em Psicologia (Universidade Internacional da Flórida), Direito (PUC-PR) e Letras Português-Inglês (UTPR). Atualmente, é sócia-administradora da empresa Mocellin Assessoria Pedagógica Ltda. e Editora Executiva da Editora Artemis.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 68, 70, 72, 91, 96

Arte 1, 8, 22

Autoritarismo médico 39, 43

D

Direito e saúde 39

Discriminação 29, 31, 35, 37, 48, 49, 52, 54, 55, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 72, 74, 77, 84, 90, 98

E

Educação 50, 52, 53, 65, 67, 68, 71, 75, 80, 83, 84, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 102

F

Feminismo 1, 23, 29, 37, 66, 90, 103

Formação em Psicologia 93, 96, 98, 103

G

Gênero 1, 2, 8, 9, 10

Gênero 12, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Gênero e sexualidade 74, 91, 93, 96, 103, 104

I

Identidad 1, 2, 5

Identidade de gênero 12, 14, 17, 20, 21, 30, 37, 79, 83, 88, 91, 99

M

Mulheres líderes 48, 49, 53, 58, 63, 65

P

Práxis social 12, 14, 15, 22

Prisões 25, 29, 30, 31, 34, 37

Q

Queers 1

R

Raça 27, 48, 49, 51, 52, 55, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 82, 88

T

Teoria Queer 91, 93

Trajetória profissional 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61

Transexualidade feminina 25, 33

Transfobia 12, 14, 15, 16, 18, 22, 23

Transgênero 12, 16, 17, 23, 99

V

Violência obstétrica 39, 40, 42, 41, 44, 46, 47



**EDITORA
ARTEMIS**